

ECOS DE MARCIAL NOS EPIGRAMAS DE AUSÓNIO*

ECHOES OF MARTIAL IN AUSONIUS' EPIGRAMS

HUGO RAMOS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

HUGOBRAMOS@GMAIL.COM

[HTTPS://ORCID.ORG/0009-0009-7556-6811](https://orcid.org/0009-0009-7556-6811)

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 31/05/2024

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 07/08/2024

Resumo: Neste trabalho apresenta-se a vida do autor do século IV d.C. Ausónio e algumas das suas obras, dentre as quais se salienta os *Epigrammata*, em que parece poder encontrar-se, em alguns dos seus poemas, semelhanças com os de Marcial, no que respeita a temas, a personagens recorrentes e uso da língua. Partindo do levantamento de vários epigramas de Ausónio e de Marcial entre os quais se acha correspondências, faz-se uma análise das parecências e dissimilitudes.

Palavras-chave: Marcial, Ausónio, epigramas.

Abstract: In this work the life of the 4th century author Ausonius and some of his works are presented, of which the *Epigrammata* is highlighted, in which it seems possible to find, in some of its poems, likeness to those of Martial's, with respect to themes, recurrent characters and language use. Starting from the survey of various

* Este trabalho/publicação/estudo é financiado com Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00196/2020.

epigrams of Ausonius and Martial among which correspondences are found, an analysis of resemblances and dissimilarities is made.

Keywords: Martial, Ausonius, epigrams.

1. AUSÓNIO

Ausonio era natural de Burdígala, hoje Bordéus, filho de um homem cujas origens são bastante incertas¹ e de uma mulher nascida numa família com algumas posses e posição social². Nasceu cerca de 310 da nossa era. Estudou gramática e retórica, primeiro em Burdígala, depois retórica em Tolosa³ e, possivelmente, estudou ou exerceu mesmo a docência em Augusta dos Auscos, *Augusta Ausciorum*, hoje Auch, em França⁴. Construiu uma carreira no magistério na sua cidade natal: poderá ter ocupado primeiro o cargo de *subdoctor*, assistente de um *grammaticus*, cargo que ocupou com certeza, antes que viesse a ocupar o de *rhethor*⁵. Casou-se cedo, com uma mulher nobre, tendo ela falecido precocemente por volta dos 28 anos de idade⁶. Após ter dedicado 30 anos ao ensino em Bordéus, a sua fama como professor e gramático era suficientemente conhecida para que fosse chamado por Valentiniano a ocupar a posição de tutor do seu filho e herdeiro Graciano. Isto deverá ter acontecido nos meados dos anos 60 do século IV⁷.

Assim, foi subindo na escala dos cargos administrativos do Império, tornando-se *comes*, um título que identificava um membro da corte imperial, mas que também veio a ser honorário, instituído como tal por Constantino e concedido a ocupantes de determinados cargos públicos

1 Fisher 1981: 3-5; Green 1991: XXV.

2 Green 1991: XXVi.

3 Booth 1982: 329.

4 Booth 1982: 332.

5 Booth 1982: 333.

6 Green 1991: XVii.

7 Booth 1982: 332.

ou a um cidadão pelo serviço público prestado⁸, e, pouco antes da morte de Valentiniano, *quaestor sacrii palatii*, por volta de 375, incumbido de ser o porta-voz do imperador e de o aconselhar em matérias legais⁹. Já sob Graciano, tornou-se *praefectus* pretoriano da Gália, em 377, e, em 378, foi nomeado *praefectus* pretoriano da Gália, Itália e África e do Ilírico, um cargo dos mais importantes da administração pública do Império, de que recebia amplos poderes e responsabilidades¹⁰. Manteve-se neste posto até 379, o ano em que exerceu o consulado.

Depois da usurpação de Graciano por Máximo, nomeado imperador na Britânia e na Gália, Ausónio regressou a Bordéus e deixou a política, até vir a falecer por volta de 393 d.C.¹¹ Mesmo ausente do governo e longe das capitais das prefeituras, Ausónio era tido em alta estima por Teodósio, que havia derrotado Máximo e que, subsequentemente, reunira sobre si o poder no ocidente e no oriente. Teodósio, quando já imperador, enviou para Burdígala uma carta dirigida a Ausónio (*Ausónio Praef. III*) em que lhe louvava a erudição e lhe pedia com grande instância que lhe remetesse uma coleção das suas obras¹².

93

2. EPIGRAMMATA

Dentre a coleção das obras de Ausónio, contam-se 121 epigramas, reunidos sob o título *Epigrammata*¹³. Ausónio, ainda que vivendo num tempo em que o afastamento entre a cultura helénica e a do mundo romano do ocidente se intensificava, tinha estudado a língua grega e era proficiente

8 Rolfe 1950: XXViii.

9 Rolfe 1950: XXXViii-Xl.

10 Rolfe 1950: XXXi-XXXiii.

11 Citroni et al. 2006: 1188.

12 Fisher 1981: 98.

13 Green 1991: 65-96.

nela. Basta dizer que os modelos que segue principalmente nesta coleção são os epigramatistas gregos, tanto os helenísticos como já aqueles que viveram sob o domínio romano, chegando a traduzir alguns poemas, a utilizar versos em grego intercalados com versos latinos, a escrever epigramas completamente em grego e a recorrer a tipos de personagens recorrentes nas obras desses autores. Contudo, e por consequência de ter sido *grammaticus*, as referências, explícitas ou implícitas, a autores latinos, de poesia e de prosa, e às suas obras são muitíssimas¹⁴; e que era leitor da obra de Marcial fica logo manifesto na citação direta que faz na sua obra *Cento Nuptialis*¹⁵ da célebre frase “*lasciua est nobis pagina, uita proba*” (Marcial 1.4)¹⁶. Parece, além disto, que a influência de Marcial é maior do que já foi entendido¹⁷ e que é ainda possível identificar, em alguns outros dos seus epigramas, mais leituras que fez da obra de Marcial.

3. ECOS DE MARCIAL NOS EPIGRAMAS DE AUSÓNIO

94

Alguns nomes que se encontram em Marcial ressurgem nos epigramas de Ausónio, como é o caso de *Philomusus*, *Zoilus*, *Galla* e *Marcus*.

3.1. *PHILOMUSUS*

Em Marcial

O nome próprio *Philomusus*, em obra literária, aparece várias vezes na obra de Marcial e, ao que se pode escrutinar, só nela¹⁸; mas está

14 Green 1991: XX-XXii.

15 Green 1991: 139.

16 Evelyn-White 1919: 391.

17 Green 1991: 377.

18 Vide Green 1991: 398 (aponta apenas a ocorrência do nome próprio *Philomusus* em Marcial); Lewis e Short 1907: 1370 (não dicionarizam sequer a palavra); Gaffiot 1934: 1174

documentado como nome de uma pessoa real, cujo busto sobrevive numa lápide que faz parte da coleção do *British Museum*¹⁹. Em 7.76 é retratado como um homem inconsciente de que as companhias que mantém não o apreciam pelo seu carácter, mas pela sua capacidade para as divertir (Marcial 7.76, v.6: *delectas, Philomuse, non amaris*; i.e. “só entreténs, Filomuso, não gostam de ti”). Se admitirmos que o *Philomusus* de 7.76 caracteriza a mesma personagem que é descrita pelo mesmo nome noutros epigramas, então podemos traçar a figura de um homem que finge ter algumas posses, dado que quem tem algum dinheiro, mas não muito, é o seu pai, que lhe sustenta, dificilmente, a vida (Marcial 3.10, vv.1-3: *Constituit, Philomuse, pater tibi milia bina / menstrua perque omnis praestitit illa dies, / luxuriam premeret cum crastina semper egestas.*; i.e. “Constituíu, Filomuso, o teu pai para ti dois mil / de mesada e pagou-os durante toda a sua vida, / como a indigência sempre cada dia apertasse os teus luxos”), que é metediço nos assuntos dos outros (Marcial 11.63, vv.1-3: *Spectas nos, Philomuse, cum lauamur / et quare mihi tam mutuniati / sint leues pueri subinde quaeris*; i.e. “Observa-nos, Filomuso, quando nos banhamos / e perguntas porque são tão dotados os meus / rapazes depilados”) e que mente sobre tudo o que diz saber, inventando histórias, agradando assim aos patronos que lhe pagam os jantares (Marcial 9.35, vv.1-2: *Artibus his semper cenam, Philomuse, mereris, / plurima dum fingis, sed quasi uera refers.*; i.e. “Por estas artes, Filomuso, ganhas sempre o teu jantar: enquanto inventas uma data de coisas, relata-as como se fossem verdadeiras”). Parece que a conjugação destas qualidades pode constituir um homem tal como o descrito em 7.76, um que tenta agradar àqueles que têm mais, que se consegue inserir nos seus círculos, à custa do dinheiro que o pai lhe dá, porventura, e

95

(refere-a como nome próprio e referencia-a em Marcial); Bailly 1963: 2076 (dicionariza-a como adjetivo) e Liddell e Scott 1948: 1937 (dão-na como adjetivo).

19 Vide Smith 1918.

que diverte contando histórias acerca de tudo e de todos: talvez por isso quisesse saber de detalhes sobre os rapazes que acompanham Marcial nos banhos, o que justificaria a resposta acintosa de Marcial em 11.63 (v.5: *pedicant, Philomuse, curiosos*).

Em Ausônio

O *Philomusus* de Ausônio é um homem que também procura ser considerado e ser integrado em círculos a que não pertence por natureza; no seu caso, os círculos intelectuais dos gramáticos e dos professores de Burdígala. Em *Aus. Epigr.* 44²⁰, adquire muitos livros para que o achem culto, mas Ausônio troca dele, ironicamente dizendo que se comprasse todos os instrumentos se tornaria músico (Ausônio 44, vv.2-3: *hoc genere et chordas et plectra et barbita conde: / omnia mercatus cras chitaroedus eris;* i.e. “sendo assim, compra as cordas, os plectros e as liras: / depois de teres comprado tudo serás um músico”).²¹ Este *Philomusus* partilha com o de Marcial a ânsia por parecer sabedor e por se elevar na sociedade. A escolha do nome, assim, não parece ter sido um acaso e, para além disso, Ausônio constrói uma situação por que um carácter parecido com o do *Philomusus* de Marcial possa transparecer e em que há um valor cómico acrescentado, por causa da ironia que carrega o nome deste *Philomusus* em particular: um homem chamado *Philomusus* que não lê, mas que gostaria de ter fama de letrado. Contudo, dada a existência real confirmada do nome *Philomusus*, não é de descartar que Marcial e Ausônio se tenham inspirado em pessoas diferentes. Mesmo assim, a semelhança entre os caracteres de ambas as personagens nos epigramas dos dois autores e a certeza de que Ausônio leu Marcial, dão força à hipótese de influência direta do *Philomusus* de Marcial sobre o de Ausônio.

20 Green 1991: 78.

21 Talvez aqui também se possa entrever uma leitura de Séneca (Gummere 1917: 27.5-8), para além daquelas outras influências que Green (1991: 398) aponta.

3.2. ZOILUS

Em Marcial

Zoilus é retratado em vários epigramas de Marcial. Invariavelmente é atacado ferozmente por Marcial. É a personificação do vício (Marcial 11.92, v.2: *non uitiosus homo es, Zoile, sed uitium.*; i.e. “Não és um homem vicioso, Zoilo, mas sim o vício.”), é um ladrão (Marcial 11.54, v.6: *non miror furem, qui fugitiuus eras.*”; i.e. “Não me admira que sejas um ladrão, tu que eras um escravo fugitivo.”) e um efeminado (Marcial 11.30, v.2: *sed fellatori, Zoile, peius olet.*; i.e. “mas ao que chupa, Zoilo, cheira pior.”; Marcial 6.91: *Sancta ducis summi prohibet censura uetatque / moechari. gaude, Zoile; non futuis.*; i.e. “A santa censura do sumo comandante proíbe e veda o adultério. Folga, Zoilo, a ti não te interessam as mulheres”). De facto, em muitos dos seus epigramas, Marcial dá a conhecer a pessoa de Zoilo, descrevendo-a como um novo-rico, um liberto desejoso de se destacar entre os homens livres, e lista traços característicos de alguém que se podia considerar vicioso, tais como a exibição ou ostentação de riqueza, na qualidade e na quantidade das suas posses²², no tipo de adornos e de joias que usava²³, a promiscuidade e as inclinações sexuais incomuns²⁴ e a propositada desconsideração dos seus convivas²⁵.

97

Em Ausónio

O *Zoilus* de Ausónio, que aparece no epigrama 101²⁶, é, pelo menos, um efeminado, um *semiuir*. Resta julgar se é também o vício em pessoa. De facto, apresenta-se, pelo menos, como um homem vicioso. É um homem homossexual que casou com uma mulher heterossexual promíscua

22 Leão 2004: 194.

23 Leão 2004: 199.

24 Leão 2004: 201.

25 Leão 2004: 203.

26 Green 1991: 91.

(Ausônio, *Epigr.* 101, v.1: *Semiuir uxorem duxisti, Zoile, moecham*; i.e. “Zoilo, efeminado, casaste-te com uma esposa adúltera”). Ambos gostam de ter vários amantes e parece que mantêm um esquema entre si: exigem compensação aos amantes que apanham em flagrante delito (Ausônio, *Epigr.* 101, vv.3-5: *o quantus fiet quaestus utrimque domi, / cum dabit uxori molitor tuus et tibi adulter, / quantum deprensi damna pudoris emunt!*; i.e. “ó quanto lucro se fará para cada um lá em casa, / quanto o teu amolecedor dará à tua esposa e o amante a ti / o quanto as multas por essa vergonha apanhada em flagrante costumam receber!”), para que não delatem os casos vergonhosos, talvez porque puníveis severamente pela *Lex Iulia de Adulteriis Coercendis*²⁷ (e lembre-se que Marcial em 6.91 faz referência também à legislação sobre os adultérios, de Augusto, que está reunida sob o título *Ad Legem Iuliam de Adulteribus Coercendis*²⁸). Daqui, põe-se a questão de não ser este poema uma condensação do carácter do *Zoilus* de Marcial, integrada nos modelos burlescos (*skoptika*) do homem homossexual já provenientes das obras dos epigramatistas gregos²⁹.

98

3.3. GALLA

Em Marcial

Galla aparece em Marcial como uma mulher atiradiça, mas fugidia (Marcial 3.51, v.3: *et semper uitas communia balnea nobis*; i.e. “e evitas sempre tomar os banhos na minha companhia”; Marcial 3.90, vv.1-2:

27 Krueger 1908: 171 (*Inst. Iust.* 4, 18.4.: *Item lex Iulia de adulteriis coercendis, quae non solum temeratores alienarum nuptiarum gladio punit, sed etiam eos, qui cum masculis infandam libidinem exercere audent.*; i.e. “Igualmente a lei Júlia sobre a coerção dos adultérios, que não só pune com a espada os corruptores dos casamentos alheios, mas também aqueles homens que ousam exercer a sua infanda libidinagem com outros homens.”).

28 Mommsen 1870: 804-816 (*Dig.* XXXXVIII.5).

29 Martins de Jesus 2021: 20: “[...] são frequentemente o alvo [...] também personagens unidas na partilha de um mesmo defeito físico ou vício moral (sendo que um é, por vezes, par do outro): o gordo ou o lingrinhas, o fulano demasiado alto ou demasiado baixo, o que sofre de gota, o adúltero, o homossexual passivo, o ladrão, o mentiroso, etc.”.

Vult, non uult dare Galla mihi, nec dicere possum, / quod uult et non uult, quid sibi Galla uelit.; i.e. “Gala quer e não se quer dar a mim e nem posso dizer, / porque quer e não quer, o que Gala queira para si.” e Marcial 2.25, vv.1-2: *Das numquam, semper promittis, Galla, roganti. / Si semper fallis, iam rogo, Galla, nega.*; i.e. “Nunca dás, prometes sempre, Gala, a quem te pede. Se sempre enganas, peço-te, Gala, nega.”). É também, ao que parece, uma mulher prostituída, mas que chega a dar-se gratuitamente, o que pode indicar um gosto pessoal pela promiscuidade (Marcial 9.4, vv.1-2: *Aureolis futui cum possit Galla duobus / et plus quam futui, si totidem addideris.*; i.e. “Como Gala pode ser tida por duas moedas de ouro / e mais que tida, se lhe deres mais duas,” e Marcial 10.75, vv.1-2, 14: *Milia uiginti quondam me Galla poposcit / et, fateor, magno non erat illa nimis. / [...] / dat gratis, ultro dat mihi Galla: nego.*; i.e. “Uma vez Gala pediu-me vinte mil / e confesso que ela não estava abaixo disso / [...] / dá-se gratuitamente, Gala, ainda para mais, dá-se-me a mim de espontânea vontade: eu recuso.”). Constrói-se uma imagem de uma mulher que tem fama de estar com muitos homens, inclusive por dinheiro, mas que, a determinada altura, se fez cara aos avanços de Marcial.

Apesar de não mencionar diretamente Gala, parece que Marcial se mostra farto de mulheres como ela e afirma que quer uma fácil e barata, já que o fim da relação pretendido é o mesmo com qualquer uma, e remete para Burdígala³⁰ a mulher que exige bons pagamentos e que se acha muito (Marcial 9.32, vv.1, 3, 4-5: *Hanc uolo quae facilis [...] / hanc uolo quam redimit totam denarius alter, / [...] / poscentem nummos et grandia verba sonantem / possideat crassae mentula Burdigalae.*; i.e. “Quero esta que é fácil [...] / quero esta que um denário compra toda / [...] / a que pede boa moeda e que se exhibe com grandes palavras / que a tenha a pila da densa Burdígala”). Marcial mostra também a volubilidade do seu interesse por qualquer mulher, expressando-o apenas por aquela que o mais satisfaça fisicamente no

30 Há interessantes leituras do sintagma “*crassae [...] Burdigalae*”; uide Lucci 2015: 152-153; Booth 1974: 38-39 e Dalby 2019: 163. Tende-se neste trabalho para concordar com as interpretações expressas pelos dois últimos autores.

momento, ao dirigir-se a uma mulher que já não quer (Marcial 6.40, v.4: *hanc uolo, te uolui*; i.e. “quero esta, quis-te a ti.). Corresponderão estes versos a um tempo da vida de Marcial em que a relação com a fugidia Gala o desiludia? A inquietação que Marcial sofre pela atitude de *Galla* e, no livro 7, ao que parece, uma consumação física da sua relação, de que Marcial obtém pouco prazer, fazem-no insultá-la e maldizê-la muito duramente (Marcial 7.18, v.4: [...] *uitium est non leue, Galla, tibi*.; i.e. “tens um defeito grave, Gala.”). A partir do livro 9, crescem as invetivas a Gala e aos seus comportamentos. Há uma sequência de tensão crescente na evolução da relação de Marcial com Gala, mas uma crítica feroz ao tratamento que Gala dava a três filhos que tinha destoa dela, que surge já no livro 2 (Marcial 2.34, v.6: *o mater, qua nec Pontia deterior*.; i.e. “ó mãe, nem a Pôntia é pior que tu”). A razão para isto não é certa, mas pode significar a literariedade de Gala e fazer duvidar da sua existência real como fonte de inspiração³¹. A personagem de Gala e a relação que com ela mantinha Marcial são, assim, de difícil definição³², mas parece ser aproveitada, de uma maneira ou de outra, sem total correspondência com a personagem de Marcial, na obra de Ausônio.

100

Em Ausônio

De facto, Ausônio dedica o seu epigrama 14³³ a uma mulher já a envelhecer por quem nutriu e ainda nutre grande amor. Esta rapariga chama-se também *Galla* e fugiu-lhe durante muito tempo, até aceitar

31 A cortesã serve de inspiração a muito epigramas gregos e mesmo a mulher casada é retratada com as qualidades morais de uma “meretriz” – terá isto como base este epigrama de Marcial sobre Gala (2.34), de outro modo desconexo da narrativa da paixão por ela?; *uide* Martins de Jesus 2018: 17, “A mulher amada – de quem obviamente se privilegia a que está no ponto, a jovem madura no máximo do seu viço – é por norma uma prostituta, que quase sempre exige pagamento e se oferece ao poeta como difícil desafio. Mesmo quando alguns indícios sugerem tratar-se de uma mulher casada [...] são realçadas as características físicas e morais que, no fundo, partilha com qualquer meretriz.”

32 Para uma análise da personagem de Gala nos epigramas de Marcial, *uide* Brandão 1998: 99-103.

33 Green 1991: 70.

finalmente os avanços de Ausônio, que ainda a quer. Note-se como Ausônio faz uso da construção “*hanc uolo, te uolui*” (Marcial 6.40) adaptada à circunstância própria: ao contrário do de Marcial, o seu amor não é volátil, é constante e compreensivo; mesmo que não goze daquilo que quer, percebe-se, a beleza de Gala, gozará daquilo que quis, a própria Gala (Ausônio 14, v.8: [...] *da fruar, etsi non quod uolo, quod uolui*; i.e. “deixa que desfrute, e se não do que quero, do que quis.”). Além de se opor a Marcial, opõe-se também ao epigramatista Rufino³⁴, autor do epigrama *eis Prodiken hetairan* (*Anth. Gr.* 5.21)³⁵, sobre a cortesã Pródice, de que também recebe influência para o tema de que trata; a Rufino, Pródice, quando na sua velhice, já não agrada. O poeta de Burdígala parece aqui responder a Marcial 9.32, mostrando-se culto³⁶, porque conhece o grego e a tradição do epigrama latino, que estava bastante abandonado³⁷. Ausônio pretende, de igual modo, evidenciar a qualidade superior do amor que guarda em si: mostra que conserva um amor que perdura pelos anos, em contraposição com o amor volúvel de Marcial. Assim, parece ter a intenção de dar a si e à sua cidade um estatuto moral e socialmente mais elevado que aquele que, salvaguardadas as devidas distâncias temporais, lhe dá Marcial.

Marcial, antes de se desiludir com *Galla*, quer uma mulher que avance e recue, que não se lhe entregue imediatamente, mas que não o rejeite completamente (Marcial 1.57, v.4: *Nec uolo quod cruciat nec uolo quod satiat*; i.e. “não quero o que excrucia, nem quero o que sacia”). Recupera essa mesma vontade depois e pede a *Galla* que lhe negue os avanços, mas não durante muito tempo (Marcial 4.38: *Galla, nega: satiatur amor nisi gaudia torquent: / sed noli nimium, Galla, negare diu*; i.e. “Gala, nega. O amor sacia-se a não ser que os seus gozos se atormentem. / Mas não queiras, Gala, negar

34 Green 1991: 385, “the starting-point for this epigram is AP 5.21 [...]”.

35 Paton 2014: 214.

36 Respondendo ao insulto “*crassae [...] Burdigalae*” em Marcial 9.32.

37 Livingstone & Nisbet 2010: 130.

durante muito tempo.”). Por sua vez, Ausônio, no seu epigrama 39³⁸, trata o desencontro amoroso usando expressões praticamente idênticas às que Marcial emprega: no primeiro verso, “*hanc uolo*” e “*illam [...] nolo*”, lembram Marcial 9.32 e 6.40. No epigrama 40³⁹, Ausônio rejeita os charmes que lhe são oferecidos e deprecia aqueles que lhe são negados: não se quer saciar, mas também não se quer excruciar com o amor (Ausônio, *Epigr.* 40, v.2: *nec satiare animum nec cruciare volo*; i.e. “nem saciar o espírito nem excruciar quero”), tal qual em Marcial 1.57. Tanto um como o outro procura uma única mulher que o queira e não queira, numa justa medida, que nem o dilacere, nem o sacie: cada um quer sentir o “*uolo nolo*” (Ausônio, *Epigr.* 40, v.6), na perseguição do Amor que escapa sempre que alguém se lhe aproxima demasiado: *Callida sed mediae Veneris mihi uenditet artem / femina*, i.e. “Mas que me venda a arte da Vénus média uma engenhosa / mulher” – pede Ausônio no seu epigrama 40 – e *illud quod medium est atque inter utrumque probamus*, i.e. “Aceito aquilo que está no meio de cada” – afirma Marcial em 1.57. Parece poder entrever-se nestes epigramas que a não mencionam diretamente a *Galla* de Ausônio e a de Marcial, as duas que fugiram a ambos os poetas e que neles incendiaram um interesse forte e duradouro. Além disso, consegue perceber-se que falta, nos epigramas de Ausônio, o ressentimento que leva Marcial a insultar e a maldizer *Galla*. Há, isso é certo, grandes semelhanças linguísticas e temáticas entre os epigramas 39 e 40 de Ausônio e os epigramas de Marcial citados.

102

3.4. *MARCUS*

Em Marcial

O nome *Marcus* aparece referido em vários poemas de Marcial, em que remete tanto para terceiros como para o próprio epigramista

38 Green 1991: 76.

39 Green 1991: 77.

(1.55), e de Ausônio, em que alude a personagens diferentes. Ausônio usa parte do verso final de Marcial 6.11, “*ut ameris, ama.*”, quase como glosa no seu epigrama 102⁴⁰. O tema de Marcial 6.11 é a diferença entre estilos de vida, o de um tal *Marcus* e aquele do próprio Marcial: *Marcus* quer aproximar-se de Marcial e ser seu íntimo, como Orestes para Pílades, mas Marcial nega-lho, retorquindo que esses dois parceiros heroicos partilhavam tudo quanto tinham, em quantidade e qualidade (Marcial 6.11, vv.1-4: *Quod non sit Pylades hoc tempore, non sit Orestes / miraris? Pylades, Marce, bibebat idem, / nec melior panis turdusue dabatur Orestae, / sed par atque eadem cena duobus erat.*; i.e. “Surpreendes-te por que não há nos nossos tempos um Pílades, por que não há um Orestes? / Pílades, Marco, bebia o mesmo / e não era dado melhor pão ou peixe a Orestes, / mas era o jantar o mesmo e igual para os dois.”). Portanto, a constituir-se uma amizade entre os dois teria de basear-se nas mesmas fundações (Marcial 6.11, v.9: *Vt praestem Pyladen, aliquis mihi praestet Oresten*; i.e. “Para que faça de Pílades, alguém tem de fazer de Orestes”). Como *Marcus*, patrono de Marcial⁴¹, era quem tinha posses, entende-se que Marcial, com este poema, lhe pedia uma ajuda pecuniária.

103

Em Ausônio

Por outro lado, em Ausônio *Epigr.* 102, o *Marcus* a quem se dirige encontra-se num grande problema de amores: está interessado numa rapariga que não se interessa por ele e não se interessa por aquela que se interessa por ele. Dada esta trama, pede enfaticamente ajuda a Vénus, que, em resposta, diz que vai trocar a situação de modo a que a rapariga que não se interessa por ele o ame e aquela que se interessa por ele o odeie. *Marcus*, surpreendentemente, não

40 Green 1991: 92.

41 Vide «*Marcus*» in Soldevilla et al. 2019.

fica satisfeito: afinal, se Vénus proceder a este arranjo, sofrerá do mesmo. *Marcus*, no fundo, não está interessado pela rapariga em si, mas sente uma atração por aquela que o repudia por causa do próprio repúdio. Vénus, admirada, pergunta-lhe se quer amar as duas, ao que ele responde que sim, se cada uma o amar reciprocamente, “«*Vis ambas ut ames?*» «*Si diligat utraque, uellem.*»”. Vénus, numa resposta final, remata o que parece quase uma lição moral: não devemos esperar por que alguém nos ame, mas devemos fazer por que sejamos amados: *Hoc tibi tu praesta, Marce: ut ameris, ama;* i.e. “Faz tu este favor a ti mesmo, Marco: para que te amem, ama [verdadeiramente]”. O uso por Ausónio da expressão decalcada de Marcial 6.11, “*Marce: ut ameris, ama*”, dir-se-ia que opõe o tema do seu epigrama ao daquele: o amor não é medido em dinheiro e objetos, mas na sua força genuína. Contudo, a interpretação do epigrama de Ausónio é difícil e não me parece que esta seja a leitura definitiva.

104

CONCLUSÃO

Que Ausónio leu pelo menos alguns dos epigramas de Marcial fica evidente. Não só os leu, mas também os estudou e construiu novas produções em que tentou trabalhar temas e expressões linguísticas que neles ocorriam de uma forma nova e de acordo com as suas próprias ideias. Ao imitar elementos dos epigramas de Marcial, Ausónio demonstra não só uma vontade de se afirmar como epigramatista e de se diferenciar como grande homem de letras no seu tempo, mas também revela consideração para com a obra de Marcial, contribuindo para que ela perdure no tempo, tal como Marcial esperava que acontecesse (Plínio *Epist.* 3.21: *ille tamen scripsit tamquam essent futura*.⁴²).

42 Radice 1969: 239.

BIBLIOGRAFIA

- Bailly, A. (1963), *Dictionnaire Grec-Français*. Hachette.
- Booth, A.D. (1974), *A Study of Ausonius' Professores*. McMaster University.
- Booth, A.D. (1982), "The Academic Career of Ausonius" in *Phoenix*, Classical Association of Canada, 329-343.
- Brandão, J. L. L. (1998), *Da quod amem: amor e amargor na poesia de Marcial*. Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Citroni, M. (dir.), Consolino, F. E., Labate, M. e Narducci, E. (2006), *Literatura de Roma Antiga*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dalby, A. (2019), "Goût d'empire" in *Kentron, revue pluridisciplinaire du monde antique*. Presses Universitaires de Caen, 155-166.
- Fisher, G.J. (1981), *Studies in fourth and fifth century Latin literature with particular reference to Ausonius*. University of Southampton: Department of Classics, Doctoral Thesis.
- Gaffiot, F. (1934), *Dictionnaire Latin-Français*. Hachette.
- Green, R.P.H. (1991), *The Works of Ausonius*. Oxford Clarendon Press.
- Gummere, R.M. (1917), *Seneca. Epistles, Volume I: Epistles 1-65*. Harvard University Press.
- Krueger, P. (1908), *Iustiniani Institutiones*. Weidmannos.
- Leão, D. F. (2004), "Zoiló e Trimalquião. Duas variações sobre o tema do novo-rico" in C. S. Pimentel, D. F. Leão e J. L. Brandão (eds.), *Toto notus in orbe Martialis. Marcial 1900 anos após a sua morte*, Coimbra e Lisboa, IEC e CECH / DEC e CEC, 191-208.
- Lewis, C.T., Short, C. (1907), *A Latin Dictionary*. Oxford Clarendon Press.
- Liddell, H.G., Scott, R. (1948), *A Greek-English Lexicon, Volume II*. Oxford Clarendon Press.
- Livingstone, N. e Nisbet, G. (2010), "III Epigram from Greece to Rome", in N. Livingstone e G. Nisbet, *New Surveys in the Classics No. 38 Epigram*. Cambridge University Press, 99-117.

- Livingstone, N. e Nisbet, G. (2010), “IV Epigram in the Second Sophistic and After”, in N. Livingstone & G. Nisbet, *New Surveys in the Classics No. 38 Epigram*. Cambridge University Press, 118-139.
- Lucci, J.M. (2015), *Hidden in Plain Sight: Martial and the Greek Epigrammatic Tradition*. University of Pennsylvania.
- Martins de Jesus, C.A. (2018), *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V)*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Martins de Jesus, C.A. (2021), *Antologia Grega. Epigramas de Banquete e Burlescos (Livro XI)*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Mommsen, Th. (1870), *Digesta Iustiniani Augusti, Vol. II*. Weidmannos.
- Paton, W.R. (2014), *Greek Anthology, Book 5: Erotic Epigrams*. Harvard University Press.
- Radice, B. (1969), *Pliny the Younger. Letters, Volume I: Books 1-7*. Harvard University Press.
- Rolfe, J.C. (1950), *Ammianus Marcellinus. History, Volume I: Books 14-19*. Harvard University Press.
- Shackleton Bailey, D.R. (1993), *Martial. Epigrams, Volume I: Spectacles, Books 1-5, Volume II: Books 6-10, Volume III: Books 11-14*. Harvard University Press.
- Smith, A.H. (1918), “L. Ampudius Philomusus” in *The Journal of Roman Studies, Society for the Promotion of Roman Studies*, 179-182.
- Soldevilla, R.M., Castillo, A.M. & Valverde, J.F. (2019), *A Prosopography to Martial's Epigrams*. De Gruyter.